

O coro como um espaço de ensaios, apresentações e criação de arranjos: Relato de experiência a partir do Estágio Supervisionado em Música

Comunicação

Marco Aurélio de Carvalho Aurich
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
marcoaurichc@gmail.com

Jusamara Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
jusa.ez@terra.com.br

Resumo: A presente comunicação tem o objetivo de relatar atividades desenvolvidas a partir das experiências com o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A disciplina foi cursada no segundo semestre de 2023, tendo como campo de estágio o coro Sonora Gente, sob regência de Sérgio Balthazar de Lemos. As experiências vividas incluíram participação em ensaios, apresentações e processos de criação de arranjos. Todas essas atividades foram estabelecidas e combinadas anteriormente entre o estudante, professora orientadora e regente do coro. Os fundamentos teóricos que embasam a experiência estão vinculados a autores que defendem o coro como um espaço de ensino-aprendizagem musical, social e educativo. No relato são apresentadas algumas reflexões sobre a relação das atividades desenvolvidas com a profissão de docente, a fim de refletir sobre a proposta de observar, registrar, sistematizar e desenvolver o senso crítico sobre atividades de regência, composição a partir de arranjos e como isso se conecta diretamente com a atuação docente. Considerando a formação em licenciatura em música, essa foi uma importante oportunidade para finalizar os processos de estágios docentes em educação musical do curso com ênfase em práticas coletivas.

Palavras-chave: coro; espaço de aprendizagem musical; estágio supervisionado.

I. Introdução

O estágio supervisionado é uma parte importante no processo de formação nos Cursos de Licenciatura já que ele possibilita uma aproximação e uma interação com os diversos campos de atuação profissional para professores. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul os estágios do Curso de Licenciatura em Música são oferecidos durante quatro semestres

nas disciplinas intitulada “Estágio de Docência Obrigatório em Educação Musical”. Nessa comunicação apresentamos um relato de experiências desenvolvidas durante a disciplina “Estágio de Docência Obrigatório em Educação Musical IV”, sob coordenação e orientação da professora Jusamara Souza. O campo de estágio escolhido foi o coro Sonora Gente, sob regência de Sérgio Balthazar de Lemos, atuante na cidade de Porto Alegre, RS.

A escolha do coro como espaço para a realização do estágio se deu pela possibilidade de aproveitar a minha experiência de integrante do grupo como cantor, violonista e percussionista desde o seu início. Como estagiário também procurei contribuir como compositor, na elaboração de arranjos para o coletivo, considerando essa uma área minha de interesse. Como tenho como objetivo pessoal a carreira de compositor, em paralelo com a de professor, considerei que fazer o estágio neste contexto poderia ser uma oportunidade importante para minha formação.

Muitas pesquisas têm revelado os potenciais educativos da prática coral e o quanto ela pode tornar-se uma alternativa para o desenvolvimento de aspectos sociativos, estéticos, culturais e sociais (Mathias, 1996; Fucci-Amato, 2007, 2009; Pereira; Vasconcelos, 2007; Dias, 2011, 2012). Como escrevem Reis e Chevitarese:

O canto coral pode ser entendido como um espaço de aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo em um contexto grupal, interacional, no qual o desenvolvimento da afetividade, da sociabilidade, da consciência e do pensamento crítico se dá associado ao desenvolvimento cognitivo da aprendizagem musical (Reis; Chevitarese, 2020, p. 243).

Além de descrever os ensaios e as apresentações musicais, essa comunicação discute processos de criação de arranjos corais visando à colaboração com o repertório do grupo. Todas essas atividades foram estabelecidas e combinadas anteriormente com a professora orientadora e o regente do coro. Nas considerações finais são apresentadas algumas reflexões sobre a relação das atividades desenvolvidas com a profissão de docente, visando às ações de observar, registrar, sistematizar e desenvolver o senso crítico sobre atividades de regência, composição a partir de arranjos e como isso se conecta diretamente com a atuação docente.

2. Contextualização do local de estágio

O coro Sonora Gente foi formado em 2018 pelo regente, compositor e professor Sérgio Balthazar de Lemos, também conhecido como Sérgio Bai (Baiano). O objetivo do coro é proporcionar a prática da música coral para um público com diversas trajetórias musicais. Os integrantes vão desde profissionais de diferentes áreas que buscam na música um lazer semanal, até músicos e musicistas profissionais e estudantes, que buscam experiências na área do canto.

O coro tem como repertório essencial a música popular brasileira e latino-americana. Também sempre surgem canções e arranjos para peças de outros países, mas sempre com o viés da música popular, tradicional ou de tradição oral. Essa é uma especialidade do(a) regente e acaba sendo o motivo pela procura do grupo.

O coro se apresenta, anualmente, em diversos espaços de Porto Alegre, entre eles a Feira Agroecológica, na Redenção (FAE), hospitais e espaços culturais. Cada experiência de apresentação é única e envolve diferente públicos. O repertório também é adequado para cada espaço.

3. O ensaio do coro como um espaço de ensino e aprendizagem de música

Vários estudos têm tratado os ensaios de grupos instrumentais e vocais como espaços de aprendizagem (Alves da Silva, 2011; Dias, 2011; Silva, 2012; Lorenzetti, 2016). Como participante do coro Sonora Gente venho acompanhando a rotina de ensaios e observando alguns detalhes importantes em relação aos procedimentos realizados.

Desde que ingressei na licenciatura, em 2020, tenho buscado observar mais criticamente as tomadas de decisões do regente para as dinâmicas de ensaio. Isso porque, desde sempre, compreendi o coro como um ambiente de prática coletiva. Mesmo não se apresentando como um espaço formal de ensino de música, o fato de ser um grupo onde se pratica música, coletivamente, me oferecia uma visão voltada para o lado pedagógico.

Um pouco, também, por perceber que o regente usava o início do ensaio para oferecer aos cantores e às cantoras informações sobre elementos básicos da linguagem musical, como por exemplo, uma introdução à leitura de partitura. Essa atividade é importante para trazer aos cantores e às cantoras iniciantes no grupo uma visão geral sobre como ler, dinamicamente, uma partitura de coro. É importante que cada um(a) consiga, dentro do seu tempo de aprendizado, se guiar durante os ensaios, visualizando a letra, a divisão delas dentro dos compassos e identificar cada momento da música na pauta, considerando o início da música, repetições de sessões e períodos, coda etc.

Percepção e apreciação musical

Além desses elementos da leitura musical, o regente procura trabalhar a percepção de intervalos musicais utilizando-se da numeração das notas da escala, sem entrar em detalhes sobre o conceito de escala musical, apenas abordando-a como uma sequência de alturas. Aqui, ele utiliza do gesto com as mãos indicando “degraus” (como se fosse uma escada), para sugerir as diferenças de altura na escala (1, 3, 5, 3, 1).

Entretanto, percebo que ele também se utiliza do recurso sonoro utilizado anteriormente a isso, relacionando os intervalos aos exercícios cromáticos de aquecimento e técnica que foram realizados (esses são sempre os primeiros movimentos dos ensaios). Noto que ao longo dos anos, as pessoas que ficam mais tempo no coro conseguem compreender a diferença entre intervalos, principalmente de tríades. Essas pessoas também mostram, com o ensaio do repertório, estarem mais familiarizadas com as afinações, indo além da compreensão das melodias por contornos, como se observa com iniciantes em estudos musicais que procuram o coro.

Com o estudo da percepção musical, o regente sempre procura trazer brincadeiras de roda para o grupo. Esse momento acontece, principalmente, no início de semestre, quando o grupo está retornando de férias coletivas e quando, geralmente, novos integrantes começam a chegar. Acredito que essas atividades sejam pensadas também para quebrar o gelo, buscando

descontrair e integrar o grupo na retomada das atividades. Mas percebo que, também, existe esse viés pedagógico, para oportunizar aos coralistas a compreensão de elementos rítmicos.

Um procedimento bastante frequente nos ensaios é o estudo de cânone de melodias curtas (8 ou 16 compassos, formando, geralmente, duas sessões). Os últimos que foram trabalhados esses anos foram *Bele Mama* (tradição oral do continente Africano) e um cânone a 4 vozes chamado *Just do it*, de Ricardo Góes¹. Como possuem melodias de contornos mais simples e intuitivos, essas canções sempre são usadas também na retomada dos ensaios e sempre após o aquecimento, técnica, percepção e brincadeiras. O uso do repertório de tradição oral de diferentes países torna-se importante pois apresenta aos coralistas as possibilidades musicais para além da nossa língua.

No que tange à apreciação musical, a prática coral também oferece o uso de ferramentas como possibilidade de aprendizado musical. O regente sempre encaminha áudios e vídeos com as músicas que cantaremos, junto com a partitura. A maioria dos arranjos são adaptações de versões de canções populares, com instrumentação tradicional de banda. Ouvir essas versões permite um contato inicial com a obra, podendo conhecer a melodia principal, a harmonia, a rítmica e as intenções textuais. Poucas vezes a escuta dessas peças é coletiva, nos ensaios. Geralmente, ocorre como “tema de casa” para os coralistas. Mas é bastante perceptível como o fato de ouvir em casa, anteriormente, auxilia no processo de assimilação do repertório na hora do ensaio. Isso vale, principalmente, para as guias do arranjo, que são encaminhadas para cada um dos naipes. Quem estuda em casa sempre consegue acompanhar melhor o ensaio.

Assim, o ensaio no coro Sonora Gente apresenta-se como um momento de aprendizado musical, para muito além do estudo da voz. Práticas de percepção de intervalos, brincadeiras de roda que valorizam o aprendizado rítmico, de memória e concentração, as práticas de cânone e a apreciação das peças e guias oferecem aos coralistas momentos musicais que funcionam como um fortalecimento e estímulo da musicalidade de um(a).

¹ O cânone foi extraído do livro *Laboratório de Musicalidade: cantarolando*, organizado por Luciane Cuervo (2019).

Ensinaamentos que vão bastante além do repertório cantado pelo coro, que por si só, também se apresenta como uma prática de aprendizado musical.

Aquecimento e técnica vocal no ensaio

Os ensaios do coro sempre tiveram como prática o aquecimento e a técnica vocal, que duram cerca de 10 a 20 minutos (que inclui também exercícios de percepção). Inicialmente, fazemos alguns alongamentos corporais, esticando braços, pernas, coluna, pescoço, quadril e musculatura facial. Após os alongamentos, inicia-se o trabalho de aquecimento. Um desses exercícios é a percepção da entrada e saída de ar. A partir de um pulso dado e a marcação e alguns tempos, fazemos a puxada de ar, percebendo a contração dos músculos intercostais. O regente sempre pede para que puxemos o ar pelas narinas, enchendo a barriga, sentindo-a ser pressionada. Isso em uma contagem de tempo estipulado, seja três, quatro ou outros. Para a mesma contagem, solta-se o ar pela boca, porém seguindo com os músculos abdominais contraídos pressionados. São realizados, em seguida exercícios para soltar a musculatura da região facial, principalmente a boca e o lábio. *Bocca chiusa*, e “assopros” com os lábios são os primeiros exercícios de vocalizes.

Os vocalizes são realizados cantando as notas junto ao teclado. Geralmente as notas começam em 1,2,3,2,1 (escala maior e menor) e seguem para intervalos de quinta no decorrer dos aquecimentos. Outros exercícios de vocalizes para movimentação da boca são realizadas. Palavras como “minimo”, “viu”, “aeiou”, “voi” sempre surgem nesses momentos também para exercitar as pronúncias.

Junto desses exercícios, o regente também sempre pede para que a colocação da voz ocorra na cabeça, diferenciando-a da voz de peito e da voz de garganta. Esses exercícios são realizados com a escala maior ou menor em movimento cromático ascendente e descendente. Inicialmente, a extensão tocada pelo regente no teclado é a de conforto para todas as vozes (Baixos, tenores, contraltos e sopranos). Com o passar do aquecimento, ele começa a acessar as regiões mais extremas, solicitando que apenas cante quem se sinta confortável. Também

ocorrem momentos quando o regente pede que somente um naipe cante. Ou que só vozes masculinas ou femininas cantem.

Com o passar do aquecimento e do trabalho de técnica, o regente também trabalha abertura de vozes com movimentos contrários e cromáticos ascendentes e descendentes. Geralmente a abertura é em terças e quintas, formando as tríades dos acordes. O movimento contrário, muitas vezes, ocorre com bordaduras. É também um importante exercício de percepção melódica. Todos esses exercícios são realizados com o objetivo de serem aplicados quando se passam as vozes.

O regente sempre procura lembrar dessas questões, mas percebo que é difícil para a maioria das pessoas colocar em prática todos os exercícios do aquecimento e técnica. Isso sempre aconteceu comigo também, principalmente por procurar compreender bem a melodia, até internalizá-la. Isso por si só já é bastante desafiador, mesmo para mim que tenho uma prática musical também com outros instrumentos e com a disciplina Canto Coral na Universidade. E é importante observar essas questões para compreender o tempo de amadurecimento e as necessidades individuais de estudos musicais de colegas coralistas.

4. Apresentações em hospitais

Desde a formação do grupo, o coro Sonora Gente tem como hábito realizar apresentações em hospitais como o Hospital Mãe de Deus e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. As apresentações nestes espaços têm como objetivo levar um pouco de acolhimento e bem-estar para os funcionários e pacientes dos hospitais (Torres; Leal; Teixeira, 2023a).

É sempre gratificante apresentar-se nesses locais, pois existe uma reciprocidade muito grande por parte de quem está recebendo a música naquele momento. Ainda que, sempre existem alguns que não se sentem tão à vontade, ou não manifestam sentimentos positivos em relação à nossa presença. Talvez porque se sintam desconcentrados em relação aos seus trabalhos. Ou, talvez, porque não se sentem contemplados pelo repertório ou pelo estilo de música que estão escutando ali. Mesmo assim, a maior parte do público vibra, dança, aplaude, canta, participa, se emociona e agradece o trabalho que estamos realizando. Ao relatarmos

sobre suas experiências com o estágio supervisionado em música, realizado em hospitais, Torres, Leal e Teixeira (2023b) analisam:

Em grande medida, a prática musical no hospital parece ocorrer por meio da escuta. A escuta musical cumpre um papel de destaque quando discentes transitam pelos corredores cantando e tocando ou quando propõem a pacientes, acompanhantes e funcionários sua participação ativa nas práticas musicais (Torres; Leal; Teixeira, 2023b, p.123).

Com o Hospital Mãe de Deus tivemos contato a partir de um dos integrantes do grupo, que é técnico de segurança do trabalho no hospital. Ele também é ator e cantor e integra o grupo coral desde o início de sua formação. No início ele sempre fazia a mediação. Atualmente, o regente tem a liberdade de fazer isso, por conta. Sempre que cantamos lá, fazemos uma performance diferente do que costumamos fazer em outro espaço. Caminhamos tocando e cantando as músicas pelos corredores do hospital, no máximo de andares que for possível. Isso porque é uma atividade que demanda bastante resistência física, pois não estamos acostumados a caminhar e cantar com tanta frequência. Além disso, também temos um tempo limite, de aproximadamente duas horas, em função da disponibilidade do coro.

Assim, cada apresentação mostra-se como possibilidade de visitas em diferentes andares. Com o tempo, vamos revezando com áreas diferentes a cada visita, para que todos os pacientes, acompanhantes e funcionários tenham a oportunidade de experimentar nossas músicas. A apresentação por meio de passeios ou caminhadas me remete a cortejos e festas populares de rua, onde a música acontece por um tempo com passagens em diferentes locais, agregando novas pessoas, que interagem de diferentes maneiras com a banda. No nosso caso, o coro realiza essa atividade por entre os corredores do hospital. Em alguns casos, entramos em quartos de pessoas que solicitam a nossa presença. Porém, isso é sempre pensado com cuidado, para que não se crie privilégios entre os ouvintes.

Entre os caminhos percorridos em nosso “cortejo” é muito comum os pacientes saírem de seus quartos para ouvirem de perto. Muitos seguem atrás de nós pelos corredores. Muitos também cantam juntos algumas canções. Principalmente *Anunciação* (Alceu Valença)²,

² A canção foi composta e lançada por Alceu Valença, em 1983, como faixa do disco intitulado *Anjo Averso*.

que com certeza é a música do nosso repertório com a qual mais pessoas participam cantando, dançando e batendo palmas.

Também quando toco pandeiro em dois sambas (*Sonho Meu*, de Décio Carvalho e Dona Ivone Lara e *Pega no Ganzé*, de tradição oral), percebo que a presença desse instrumento faz todo mundo querer participar, ativamente, da apresentação. Muitos sempre falam que também tocam ou começam a sambar bem perto do grupo.

São momentos em que percebo a prática musical naquela situação para muito mais que uma apresentação. Torna-se uma prática coletiva, onde atuamos como estimuladores a partir do repertório, mas que funciona, propriamente, como música realizada de forma coletiva, incluindo as danças. Sempre percebi esses momentos de interação com o público como um elemento que faz parte do fazer musical. A música é absolutamente coletiva nesses momentos e fica evidente para mim essas questões nas apresentações nos hospitais. E como lembram Pereira e Vasconcelos (2007):

[..] um coral é uma instituição social importante, por reunir pessoas diferentes com ideais e propósitos comuns. Todo o trabalho desenvolvido tem por objetivo a sua relação com a comunidade, com os concertos ou apresentações. Este trabalho direcionado tende, certamente, a ampliar a consciência de seus participantes para a relevância desta relação institucional. Ou seja, o canto coral propicia o desenvolvimento da sociabilidade (Pereira; Vasconcelos, 2007, p. 115-116).

O acompanhamento musical desses momentos de apresentação também acontece com o violão, tocado pelo regente. Assim, ele dispensa a prática gestual com as mãos que a regência costuma exigir, e utiliza uma regência com o violão, somada a sinais de expressão visual, seja indicando as entradas com a boca, cantando a letra, e fazendo gestos corporais, como acenar com a cabeça ou até mesmo com o movimento do tronco, com o auxílio braço do violão. O fato de estar cantando, com as mãos livres ou com instrumentos que permitem a locomoção, cria uma dinâmica de participação com funcionários e pacientes dos hospitais. Essa experiência permite que pensemos a importância da música como uma maneira de amenizar sofrimentos. Estar em um hospital é sempre um momento delicado, de angústia e, geralmente, de sentimentos negativos. A música e a arte são caminhos possíveis para criar

práticas de mudança de sentimentos para quem está nesses ambientes. Além disso, estar como músico nesses locais, possibilita pensarmos os elementos da prática musical coletiva, considerando a elaboração dos arranjos, os ensaios e a preparação para um ambiente diferenciado de uma realização musical para além do palco e dos recitais³.

Essas experiências tiveram uma importância muito grande para a minha formação como músico. Realizar a música para além das performances nos palcos e recitais traz um sentido a mais para o processo de amadurecimento como profissional.

5. Arranjos para o coro

Como participo no coro Sonora Gente também como instrumentista, venho procurando pensar o uso dos instrumentos de percussão nos arranjos. Quando vamos nos apresentar no hospital, o regente sempre me permite experimentar novas ideias percussivas para o acompanhamento das músicas. Levo instrumentos de percussão como ovinho (ou caxixis), triângulo e pandeiro. Em algumas músicas, para outros contextos de apresentação, também uso tambores.

Para o hospital eu adapto o uso de tambores entre chocalhos e pandeiro. O pandeiro possui as platinelas e isso traz, para alguns arranjos, um ruído, que contrasta com a sonoridade grave da pele do instrumento. Assim, as experimentações percussivas nas apresentações nos hospitais me fazem perceber esses detalhes de timbres, quando improviso com os instrumentos que tenho à mão. Muitas vezes essa descoberta acontece na hora, quando uso os instrumentos sem ensaio, sem testar suas possibilidades antes, em função de podermos improvisar em determinadas músicas. Divirto-me bastante nesse senso de descoberta com o improviso. Apesar de que, também percebo que é importante um cuidado com o arranjo, pois a qualidade dele afeta, diretamente, em como o público irá receber e se envolver. Alguns chocalhos, se não tocados precisamente, também podem atrapalhar a percepção do pulso por parte do coro, em função do ataque impreciso das sementes no material ressonador.

³ Ver também relatos semelhantes sobre as experiências de estágio realizadas no hospital descritas por Arioli, Souza e Pehl (2023) no capítulo “Silêncio: você está em um ambiente hospitalar”.

Como tocamos em fileira e caminhando, é comum ficarmos mais distantes em algum momento, inclusive para darmos espaços para os funcionários passarem com equipamentos. Isso muda a percepção auditiva do momento. São cuidados que devem ser tomados e que só a prática nos permite aprender.

A criação de arranjos é uma prática que venho procurando trabalhar ao longo da minha trajetória com a música. O Estágio com o coro foi a oportunidade de colocar em prática o que pude aprender e trabalhar como estudante e monitor nas disciplinas de Práticas de Composição para Educação Musical, Contraponto I e II, Harmonias (A, B, C e D) e Análise Musical I e II.

Trabalhar em um arranjo para o coro é uma maneira de desenvolver a criatividade, podendo pensar na distribuição dos elementos musicais nas vozes, considerando melodia, harmonia, contraponto, dinâmicas e articulação do texto. Pude, durante esse processo de criação, observar, juntamente em conversa com o regente, alguns pontos essenciais. Um deles é sobre a importância de considerar o contexto de grupo no qual o arranjo será executado. É necessário conhecer os cantores, identificando a extensão na qual os naipes cantam com maior conforto. Em coros amadores, haverá um limite de altura possível, tanto para as regiões graves, quanto para as agudas. As linhas de cada naipe deverão levar em conta esses detalhes. Também, é importante que seja considerado, primeiramente, um arranjo mais simples. Isso significa pensar em poucas melodias para os naipes, sem muitos contrapontos, e com o mínimo possível de dificuldade harmônica. Portanto, trabalhar com tríades, para coros amadores, pode ser uma forma mais eficiente de garantir que o arranjo cumpra o seu papel de ser uma canção executada, adequadamente, pelo coro.

Outra questão também importante é a clareza da escrita do texto da música. Isso porque, para coro onde os cantores e cantoras não possuem a prática da leitura de partitura, o texto é a principal referência visual. Assim, é importante pensar a distribuição dele com clareza ao longo da pauta.

Por exemplo, no arranjo que elaborei de *Canto Alegretense*⁴, percebi que havia muitas repetições do refrão (três vezes). Fiquei em dúvida de como deixar menos poluída visualmente a partitura, com muitos sinais de “cenho” e “coda”. Para tanto, decidi indicar com “refrão” ao final das estrofes, indicando momento de cantá-lo novamente. Entretanto, o regente sugeriu que, na última vez, o refrão fosse escrito novamente. Isso porque é importante dar ao leitor e cantores o senso de término da música, mesmo que seja um texto repetido. Assim, na versão final do arranjo, considerei essa questão.

Da mesma forma que a criação do arranjo para coro existe a partir de especificidades que dependem do contexto do grupo, considerando as diferentes potencialidades de cada cantor e cantora, assim como, reconhecer essas habilidades somadas ao coletivo.

Para o arranjo de coros, pensa-se na distribuição dos naipes e, eventualmente, na inclusão de um instrumento harmônico (teclado, piano ou violão), que irá auxiliar também na afinação do coro, mas também em instrumentos percussivos, que ajudam a encorpar os arranjos, bem como a servir de apoio para o pulso do grupo.

A experiência de estágio curricular obrigatório criando arranjos para o coro Sonora Gente, foi uma oportunidade essencial para colocar em prática o que foi estudado em disciplinas da graduação, principalmente aquelas que buscam compreender em detalhes os processos de composição musical. Com isso, também foi possível reconhecer e estabelecer importantes relações sobre a figura do docente em sala de aula como um arranjador, que busca por meio dos procedimentos de composição musical criar, pensar, praticar e ensinar sobre a prática de arranjos no contexto de sala de aula.

6. Considerações finais

As experiências e reflexões aqui desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Música evidenciam a importância dos registros escritos no processo de formação de docentes em música. Pode-se desenvolver textos que trazem detalhes sobre os processos de

⁴ Música nativista composta por Antônio Augusto Fagundes (Nico Fagundes) e Bagre Fagundes, em 1983.

planejamento de ensaio e apresentações de um coro, podendo ser descrito a atuação do regente durante todas as etapas.

O processo de criação de arranjos para um coro, juntamente com o auxílio do regente, trouxe alguns detalhes importantes de se pensar para tornar eficiente a execução da canção, considerando sempre as especificidades e contextos nos quais os arranjos serão executados.

Como futuros professores temos a oportunidade de relacionar o que cada coralista realiza em sua formação no coro. Tanto no planejamento das atividades, escolhendo repertório, planejando os ensaios e estando atento às potencialidades de cada um, como também a execução do repertório em apresentações como um momento para colocar em prática o processo de construção de arranjos para grupos vocais.

Referências

ALVES DA SILVA, Lélío Eduardo. O Ensaio-aula: uma proposta de metodologia de ensaio para banda de música. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, Pelotas, nº4, p. 127-161, 2011.

ARIOLI, Cristina; SOUZA, André Meneguzzi de; PEHL, Marcos Vinicius. “Silêncio: você está em um ambiente hospitalar.” In: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). *Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música*. Porto Alegre: www.editoraFi.org, 2023, p.135-154.

CUERVO, Luciane (Org.). *Laboratório de Musicalidade: cantarolando*. Porto Alegre; Edição do Autor, 2019.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações nos processos pedagógico musicais da prática coral: dois estudos de caso. 2011. 226 p. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da ABEM*. Londrina, v.20, n.27, 131-140; jan.jun 2012.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, 2007.

_____. O processo de ensino-aprendizagem no canto coral, do ensaio ao concerto: dimensões educativomusical, historicomusicológica e performática. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL (ABEM), 18. / SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 1, 2009, Londrina. *Anais [...]* Londrina: ABEM, 2009. p. 909-915.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi Lorenzetti. Aprender música na Igreja Católica: o grupo e o ensaio como espaços comunitários formativos. In: Seminário Internacional de Antropologia Teológica, 2016, Porto Alegre. *Anais [...]* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. v. 142. p. 1-7.

MATHIAS, Nelson. *Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1986.

PEREIRA, Eliton; VASCONCELOS, Miriã. O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. *Música Hodie*, v. 7, n. 1, p. 99-120, 2007.

REIS, Ana Claudia; CHEVITARESE, Maria José. Canto Coral - espaço de aprendizagem e desenvolvimento musical. *Latin American Journal of Development*, v.2, n.5, p. 243-250, sep./oct. 2020.

SILVA, Ruth de Sousa Ferreira. Ensino/aprendizagem musical no ensaio: um estudo de caso na Orquestra Camargo Guarnieri. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2012.152>

TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria; TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). *Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música*. Porto Alegre: www.editoraFi.org, 2023a.

TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria; TEIXEIRA, Lúcia Helena. “É essa escuta que a gente quer na vida” (Torres, 2021). In: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). *Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música*. Porto Alegre: www.editoraFi.org, 2023b, p.121-134.